

A História e os estudos do esporte na Comunicação¹

Rafael FORTES²

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Neste ensaio, advogo que a pesquisa sobre esporte na Comunicação tem muito a se beneficiar das investigações sobre o tema realizadas na História. O texto se inicia com uma reflexão sobre a elaboração de balanços bibliográficos, prática comum e valorizada na História, e sua potencial contribuição para que os estudos do esporte na Comunicação (EEC) adquiram mais cientificidade e organicidade. Em seguida, apresenta proposições em relação a outras possíveis aproximações e ganhos para os EEC. Por fim, explora as maneiras distintas com que se lida, grosso modo, na História e na Comunicação, com o papel da teoria e da metodologia.

PALAVRAS-CHAVE: pesquisa histórica; história do esporte; epistemologia; historiografia; história da comunicação.

Neste ensaio, advogo que a pesquisa sobre esporte na Comunicação tem muito a se beneficiar de um maior conhecimento e uso das investigações sobre o tema realizadas na História. A comunicação se inicia com uma reflexão sobre a elaboração de balanços bibliográficos, prática comum e bastante valorizada na História, e sua potencial contribuição para que os estudos do esporte na Comunicação (EEC) adquiram mais cientificidade e organicidade. Em seguida, apresenta proposições em relação a outras possíveis aproximações e ganhos para os EEC. Por fim, explora as maneiras distintas com que se lida, grosso modo, na História e na Comunicação, com o papel da teoria e da metodologia.

Os balanços bibliográficos

Em balanços bibliográficos ou ensaios a respeito dos estudos do esporte na

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Comunicação. Professor no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) e no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e-mail: rafael.soares@unirio.br.

Comunicação (EEC), busquei mapear o que foi feito, mas também estabelecer breves interpretações sobre a produção, apresentar críticas a problemas, identificar áreas cinzentas ou inexploradas e propor temas, abordagens e ideias (FORTES, 2011, 2014, 2017). Tive e tenho em vista uma pauta ativa de aprimoramento para que o subcampo de estudos ganhe consistência, sistematicidade e cientificidade.³

A constituição atual, no Brasil, dos estudos do esporte na Comunicação frequentemente é não mais um aglomerado de pesquisas e pesquisadores que atuam na área (com alguns poucos participantes filiados prioritariamente a outras disciplinas) e têm o esporte como tema constante em seus escritos. Com raras exceções, os trabalhos (teses, dissertações, livros, capítulos de livros, artigos em periódicos etc.) pouco ou nada dialogam com os próprios EEC. Venho defendendo que isto é insuficiente e inadequado e que urge trabalhar para efetivar a condição dos EEC como um *subcampo de estudos*. Para tanto, conhecer, ler e usar as publicações já realizadas e o estabelecimento de agendas de pesquisa são *condições necessárias*.

A abundância dos balanços bibliográficos e a possibilidade que estes oferecem para que os pesquisadores – iniciantes ou experientes, não importa – se situem são duas das razões pelas quais conhecer o que se faz na História pode ser muito útil aos comunicólogos. A seguir, argumento que tanto o conhecimento quanto o desconhecimento da produção existente têm impactos importantes: individualmente, sobre a forma como cada pesquisador se coloca dentro da área temática e sobre a pesquisa que propõe e coletivamente, na própria constituição dos EEC.

A forma mais frequente de entrada de pesquisadores nos EEC se dá por meio do que chamo de *dinâmica do “eu tive uma ideia”*. Para explicar no que ela consiste, vou contar uma história.

Certa vez, um colega com anos de atuação nos EEC começou uma apresentação de trabalho exibindo um exemplar de um jornal em formato tabloide, daqueles distribuídos gratuitamente em locais movimentados de grandes cidades como Rio de Janeiro e São Paulo. Enquanto mostrava a capa, explicou: “Eu estava sem ideia de trabalho para mandar aqui para o evento, aí recebi esse jornal na rua e pensei: ‘Ah, vou escrever sobre isso’”. O referido congresso acadêmico e o período de submissão de

³ Por subcampo, refiro-me aos estudos do esporte na Comunicação no Brasil. Utilizo o termo no sentido de Bourdieu (1983).

trabalhos que o precede acontecem anualmente, sempre na mesma época. O colega participava com frequência do evento, de forma que, quando recebeu o exemplar de jornal, fazia cerca onze meses que ele: enviara o trabalho do ano anterior; e *sabia* que precisaria submeter uma comunicação para participar do congresso do ano em curso. Contudo, durante todo este tempo, não lhe ocorrera uma única ideia. Foi *salvo* pelo tabloide cujo assunto principal de primeira página calhou de ser o esporte. O episódio se deu na época em que o colega fazia doutorado, evidenciando que até quem tem pesquisa em andamento pode se pautar não por razões de avanço científico (como seria de esperar de quem está na principal etapa de formação do pesquisador), mas pela mesma *dinâmica do “eu tive uma ideia”*, comum entre estudantes de graduação (e inteiramente compreensível e justificável, no caso destes).

O *causo*, infelizmente, está mais para regra do que para exceção. Na minha avaliação, grande proporção das pesquisas⁴ – projetos apresentados em seleções de mestrado e doutorado, mas também elaborados por doutores – apenas reproduzem ou emulam o jornalismo esportivo e/ou o agendamento midiático: os temas, a sucessão de notícias e assuntos, o acompanhamento periódico do calendário (anual, quadrienal etc.) de competições, os enquadramentos.

Cito o caso das pesquisas sobre o passado⁵ e a predileção do jornalismo sobre futebol por pautar efemérides. É como se fazer pesquisa histórica sobre mídia e esporte equivalesse a produzir uma versão acadêmica de acompanhamento da pauta midiática: a cada quatro anos completam-se 50 de realização de uma Copa do Mundo (de futebol de homens), então prepara-se um artigo, livro ou atividade relacionado ao evento, que vai casar com a efeméride jornalística do cinquentenário da Copa. Não há agenda de pesquisa, apenas o seguimento temporal do calendário de eventos – do presente ou ocorridos décadas atrás.⁶

A própria utilização de *jornalismo* como categoria e/ou chave explicativa para as análises é problemática, se considerarmos boa parte da cobertura midiática esportiva realmente existente, inclusive aquela levada a cabo por veículos ou programas que se intitulam jornalísticos e trabalhadores que se definem como jornalistas. Transmissões

⁴ No caso de produções avulsas e/ou ensaios, a incidência é ainda maior.

⁵ O que não significa, necessariamente, fazer história. Retornarei a este ponto.

⁶ Outra evidência disso são as iniciativas acadêmicas que levam esporte no nome, mas na prática se restringem ao futebol. É sintomático que um espaço que, por definição, deveria ser de reflexão, reproduza acriticamente a *monocultura do futebol* observável na sociedade brasileira e na cobertura dos meios de comunicação.

radiofônicas de futebol no Brasil são um exemplo – mas, no limite, a ampla maioria das transmissões do esporte por radiodifusão ou pela internet permite tranquilamente tal problematização. A falta de pesquisas consistentes e suficientes sobre as transmissões é evidência das lacunas e fragilidades dos EEC (FORTES, 2017). A forma como *jornalismo* é utilizado na Comunicação⁷ me parece ter muito mais a ver com esforços normativos de delimitação (do ensino de graduação, da atuação profissional, dos objetos de pesquisa e, em casos mais radicais, do próprio perfil dos pesquisadores do tema) ou de reiteração do que se *acha* que os fenômenos são ou se *gostaria* que eles fossem do que com um esforço descritivo criterioso a serviço da construção de conhecimento científico sistematizado (entendido como apresentação, descrição e análise de dados). Esse *modus operandi* frequentemente transborda para os EEC.

Contudo, meu objetivo não é glorificar uma área de conhecimento, até porque tal postura seria, antes de tudo, contracientífica. Como toda disciplina, a História tem limitações e problemas.⁸ Mas ser tradicional, pouco afeita a novidades e modismos,⁹ lhe confere sobriedade. Há uma certa expectativa de que quem se propõe a investigar um tema ou fenômeno conheça a historiografia (sobre ele e também sobre a sociedade, o espaço e/ou o tempo em que ocorre/se insere) e, preferencialmente, possa identificar lacunas e se propor a preencher alguma delas. Conhecer a produção existente abrange não apenas o assunto, mas as linhas interpretativas, os debates etc.

Evidentemente, a presença de linhas interpretativas para uma questão, tema ou fenômeno requer uma quantidade significativa de pesquisas publicadas ao longo de um intervalo de anos ou décadas. Isto é uma condição necessária, mas não se trata apenas de fazer, fazer e fazer trabalhos, empilhando-os em prateleiras ao longo dos anos. Para que se construam linhas interpretativas, é preciso, em primeiro lugar, que as pesquisas estabeleçam entre si algum tipo de diálogo, mesmo que fundado em discordâncias. É inviável fazê-lo caso os trabalhos ignorem uns aos outros – justamente a situação predominante nos EEC. Segundo, que alguns pesquisadores se dediquem a elaborar balanços bibliográficos e que a maioria dos demais valorize esse trabalho lendo e utilizando tais balanços (inclusive para criticá-los).

⁷ Na área como um todo, sobretudo no ensino de graduação; e, lamentavelmente, em boa parte da pesquisa científica no interior dela.

⁸ Inclusive, no caso dos estudos do esporte, alguns daqueles apontados aqui para os EEC, como a falta de uma agenda de pesquisa e o seguimento de efemérides.

⁹ A meu ver, a adesão indiscriminada a modismos é uma das características mais marcantes da Comunicação no Brasil.

A meu ver, a maioria das pesquisas interessantes e inovadoras dos EEC produzidas na última década se concentra em teses e dissertações defendidas em programas de pós-graduação em Comunicação (na maior parte dos casos) e, em menor escala, em programas de outras áreas ou interdisciplinares. Carecemos de levantamentos amplos que mapeiem de forma sistematizada esta produção, bem como de trabalhos de menor escala que invistam na realização de balanços a partir da leitura efetiva dos trabalhos. O escasso hábito de produção de resenhas na Comunicação e o ínfimo valor dispensado a elas agrava a situação.

Proposições

Os diálogos com a produção existente podem ter diferentes objetivos: gerar debates, apontar falhas ou limites, produzir novos dados, aprimorar as interpretações sobre dados ou fenômenos conhecidos etc. Pouco avançamos e avançaremos se continuarmos: usando sempre as mesmas chaves interpretativas, conceitos ou abordagens (por exemplo, a mesma obra de Johan Huizinga ou Roger Caillois como um oráculo a respeito de todo e qualquer jogo ou fenômeno lúdico); buscando enxergar os mesmos aspectos nos mesmos fenômenos (por exemplo, usar exclusivamente competições de seleções para discutir identidade nacional – e vice-versa); privilegiando os mesmos objetos empíricos, às vezes sem matizar a importância relativa deles em cada época (por exemplo, considerar jornais diários que circulam majoritariamente em um estado da federação como “imprensa brasileira”, ou que a relevância dos diários na sociedade e no esporte seja a mesma em 1910, 1950 ou 2014).

Recomendo, antes de tudo, ler e conhecer os trabalhos de História e de história do esporte. Ambos os conjuntos são totalmente ignorados na ampla maioria das pesquisas de EEC, sejam as que se dedicam ao presente, sejam – o que é grave – as que tratam do passado. A familiarização com tais historiografias talvez disseminasse um pouco a percepção – quase inexistente entre os pesquisadores da Comunicação – de que escrever sobre o passado e fazer história (de acordo com os parâmetros da História, bem entendido) podem ser coisas inteiramente distintas. É comum comunicólogos pensarem e declararem que estão “fazendo história” quando, na verdade, não o estão: estão apenas escrevendo sobre o passado. Isto se verifica sobretudo quando teses, dissertações, artigos, livros e demais publicações trazem, após a introdução, o famigerado “breve histórico” – para o qual o banimento é a única solução possível.

Em vez disso, cabe utilizar publicações científicas relativas ao período histórico do material empírico para subsidiar a descrição e interpretação dos dados, permitindo análises mais criteriosas, densas, elaboradas e, do ponto de vista científico, mais bem sustentadas. Por *período histórico do material empírico*, refiro-me ao tempo/época/período em que: a) este foi produzido, realizado e lançado; e/ou b) se dá o acontecimento-base da narrativa não-ficcional ou se situa a trama (no caso de ficção).¹⁰ É comum o “breve histórico” discorrer páginas e páginas sobre décadas ou séculos (às vezes, alcançando milênios) anteriores ao período do enfoque da pesquisa,¹¹ ao passo que o contexto histórico em que se situa o *material empírico* (em qualquer dos dois sentidos que aponte), crucial para uma análise consequente dos dados, é pouco desenvolvido ou até inexistente.

Um exemplo de adesão a pautas relativas ao preenchimento de lacunas – com autonomia quanto aos temas, prioridades e perspectivas da cobertura midiática hegemônica, conforme abordado no item anterior – são as pesquisas sobre mulheres e futebol. Nos últimos anos tem havido grande avanço nas investigações sobre o presente e o passado das mulheres no futebol, não obstante elas continuarem com visibilidade bastante reduzida na cobertura da modalidade, que ocupa dezenas (às vezes, centenas) de horas semanais em canais e emissoras de rádio e/ou televisão.¹² Certas pesquisas têm, inclusive, a perspectiva de encarar de frente e desafiar (dentro de seu limitado alcance, é claro) esses regimes de invisibilidade na mídia hegemônica. Tanto o uso de novas fontes quanto a releitura das já conhecidas têm permitido evidenciar que, ao longo do século XX, a participação de mulheres no futebol é muito maior e relevante do que se afirmava e acreditava. A noção de que tal participação fora diminuta se estabeleceu não apenas devido às restrições, proibições e repressão, mas também à falta de pesquisas sobre o assunto, facilitando que os pesquisadores muitas vezes reproduzissem as ausências, silenciamentos e invisibilidade verificadas no jornalismo sobre futebol. Ademais, “há um vasto universo de produções (...) que carecem de estudo no que diz respeito ao esporte”, incluindo produções alternativas, amadoras (não-profissionais), independentes etc.

¹⁰ O uso das classificações *ficção* e *não-ficção* está repleto de problemas. Lanço mão delas por crer que facilitam a compreensão do que quero dizer.

¹¹ O raciocínio parece orientado por uma lógica de almanaque, como ocorre ao se enfileirar *curiosidades* ou se estabelecer mitos fundadores por meio da ênfase na identificação de *origens* e *pioneiros*.

¹² Cf., por exemplo, esta lista elaborada por Silvana Goellner e Raphael Rajão Ribeiro: <https://ludopedio.com.br/arquivancada/5-toques-de-livros-oriundos-de-pesquisas-academicas-para-conhecer-historias-do-futebol-de-mulheres-no-brasil-por-silvana-goellner/>.

(Fortes, 2011, p. 608). Isto vem sendo realizado, por exemplo, em iniciativas de pesquisa e publicações levadas a cabo por Vimieiro (2019, 2017), tanto de análise de produções alternativas (como as de mulheres torcedoras) quanto de estímulo à elaboração de pautas autônomas na cobertura midiática do esporte por estudantes de Comunicação.¹³

No caso do surfe, há debates entre pesquisadores a respeito da presença das mulheres nas revistas e do quanto esta pode ser considerada estereotipada e desproporcional em relação à participação efetiva de mulheres surfando, seja em campeonatos ou no dia a dia das praias (BOOTH, 2008; FORTES, 2009; HENDERSON, 2001; STEDMAN, 1997).

Carecemos, nos EEC, deste tipo de debate sistematizado, em que dois ou mais pesquisadores se dedicam ao mesmo objeto empírico¹⁴ e discutem os achados dos trabalhos dos colegas. Se, por um lado, é compreensível e importante que os investigadores se debrucem sobre novas sendas, por outro, debates e divergências são condição *sine qua non* para o avanço científico. Um subcampo sólido pressupõe a presença de tais discussões, de forma que possíveis equívocos¹⁵ factuais, interpretativos, analíticos, descritivos, teóricos ou metodológicos sejam apontados por novas contribuições. Conforme argumentei noutra ocasião, os debates bibliográficos francos travados no âmbito dos estudos do esporte no Brasil costumam ser ignorados pelos pesquisadores dos EEC (FORTES, 2014, p. 96). Na medida em que tais debates são raros, familiarizar-se com eles exige pouca carga de leitura – o que, de certa forma, torna embaraçoso que não sejam de conhecimento geral.

A apropriação das pesquisas históricas também tem o benefício potencial de evitar que se atribua a um determinado fenômeno características inovadoras ou específicas que, na verdade, podem ser verificadas – às vezes com certa facilidade – noutros fenômenos, momentos históricos, sociedades e/ou lugares. Por exemplo, muitos dos aspectos relacionados à comercialização e mercantilização do esporte, tratados frequentemente nos EEC como uma *novidade* das últimas duas, três ou quatro décadas, foram observados por historiadores do esporte em diferentes cidades brasileiras durante o quartel final do século XIX. Esta atitude de atribuir o caráter de novidade aos fenômenos e valorizá-lo me parece mais um empréstimo indevido – um *contrabando* inconsciente, por assim dizer – que os

¹³ Destaco a Revista Marta, disponível em: <https://revistamarta.com/>.

¹⁴ Ou ao mesmo fenômeno/problema, mas lançando mão de *corpus* distintos.

¹⁵ Ou possibilidades que passaram despercebidas.

EEC fazem das dinâmicas do jornalismo hegemônico no Brasil. Do ponto de vista da cientificidade, há um duplo problema: a) afirma-se que há uma novidade sem que se conheça o passado¹⁶ (o que, a rigor, *inviabiliza* a possibilidade de se afirmar cientificamente que algo é novo); b) ignora-se uma bibliografia que, muitas vezes, aponta o *contrário* daquilo que se está afirmando (ou seja, ela identifica, em décadas ou séculos passados, elementos que se está apontando como surgidos ou característicos entre décadas finais do XX e as primeiras do XXI).

Algumas destas pesquisas sobre o final do Oitocentos

abordam as práticas esportivas não como um fenômeno autônomo, mas integrado a espetáculos e atividades que compunham o setor e o mercado do entretenimento, diversões e/ou lazer. Além de me parecer promissora, esta perspectiva é fundamental para dotar de historicidade o fenômeno esportivo, afastando-o de visões a-históricas que veem nele supostos valores inerentes e imutáveis e o tratam como essência (FORTES, 2020, p. 31).

A passagem permite enfatizar dois pontos. Primeiro, a própria definição de *esporte* ou de *campo esportivo* é uma contribuição que os EEC poderiam incorporar dos estudos históricos. Salvo engano meu, a quase totalidade das pesquisas nos EEC são feitas sem que se reflita sobre o que se está chamando de *esporte* e quais as características deste fenômeno.¹⁷ Quando tal preocupação está presente, é comum aparecerem definições cuja aplicabilidade às pesquisas e aos fenômenos investigados nas Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas (CHSSA) é discutível¹⁸ e serve prioritariamente para uma classificação binária que busca enquadrar práticas sociais complexas em respostas simples à pergunta sobre se cada uma delas *é ou não é esporte*.

Segundo, do ponto de vista histórico, é impossível atribuir *essência* a qualquer fenômeno. Os acontecimentos se desenvolvem em múltiplos tempos históricos e tanto eles quanto os valores, sentidos, sentimentos, nomes e discursos a eles atribuídos podem se modificar ao longo do tempo.¹⁹

* * *

¹⁶ *Conhecer o passado*, evidentemente, é modo de dizer (outro seria *saber o que veio antes*). Refiro-me a, ao menos, levar em consideração a historiografia existente *sobre* o passado.

¹⁷ A maioria dos investigadores dormia em berço esplêndido até ser surpreendida pela emergência dos *e-sports* e – zero surpresa – reagir rejeitando de maneira enfática e acrítica a possibilidade de enquadrá-los como esporte.

¹⁸ Como aquelas que utilizam critérios relacionados a movimentos do corpo como parâmetro principal ou único para definir a prática esportiva. A meu ver, tal utilização nas CHSSA é inteiramente inadequada, mas mantenho “discutível” no corpo do texto por acreditar que este é um debate necessário.

¹⁹ O surgimento do fenômeno esportivo e sua expansão são indissociáveis do capitalismo – ainda que as pessoas possam atribuir a ele outros valores ao longo do tempo. “Setor” econômico e “mercado” na citação longa precedente se referem, portanto, ao âmbito *capitalista*.

Conforme aponte na primeira parte, há na história do esporte um punhado de balanços bibliográficos da produção no país²⁰ e de iniciativas de sistematização²¹ e de diálogo com disciplinas e campos de estudo.²² Existe, contudo, carência de levantamentos por temas, modalidades (exceto o futebol) e outros recortes possíveis.

Por exemplo, a leitura dos balanços feitos por Melo (2016) e Figols (2019) a respeito, respectivamente, dos trabalhos sobre esporte e sobre futebol apresentados e/ou publicados nos eventos nacionais bienais da Associação Nacional de História (Anpuh) permite tanto saber de que forma se evidenciou, no maior congresso científico da área, o desenvolvimento das pesquisas sobre tais assuntos, como também ter informações úteis para comparar tal panorama com o dos EEC, em termos do que já foi trilhado, mas também de ideias, lacunas e tendências que subsidiem a elaboração de investigações apontando para novos rumos.

Até publicações de referência da historiografia do esporte no Brasil são ignoradas pela maioria das pesquisas que compõem os EEC. Cito, por exemplo, a obra *História do Esporte no Brasil*, organizada por Priore e Melo (2009) e *Recorde: Revista de História do Esporte*, publicada semestralmente desde 2008. Esta, aliás, tem sido objeto de balanços e análises recentes (MORAES, GOMES e MARCHI JÚNIOR, 2021; FORTES e MELO, no prelo).

Outra potencial contribuição são os dados reunidos e as análises elaboradas por Phillips (2020) a respeito da relação entre CHSSA, métricas aplicadas a periódicos científicos e o papel das revistas de história do esporte, inclusive pela discussão sobre a questão do idioma e da hegemonia da língua inglesa, que tem passado ao largo dos EEC (e da Comunicação como um todo, salvo raras exceções).

O lugar da teoria e da metodologia

Permanece amplamente hegemônica, na Comunicação, uma visão que privilegia os ensaios e o uso de conceitos e teorias para a produção de textos científicos. Há uma hipervalorização de bibliografia e autores (em geral europeus) e do formato de ensaio e uma desvalorização de pesquisas construídas a partir de descrição e análise sistematizadas

²⁰ Boa parte deles listados por Fortes (2020).

²¹ Melo *et al.* (2013) e Melo *et al.* (2020).

²² Melo *et al.* (2020).

de dados.²³ Isso fica claro nos próprios textos, de artigos curtos até teses de doutorado extensas: é relativamente comum que mais da metade das páginas seja dedicada a discussão bibliográfica (não me refiro a balanços bibliográficos da produção sobre um tema, cuja relevância e pertinência defendi na primeira parte deste texto; estes, infelizmente, são raros), e que a descrição e análise do material empírico, quando existe, fique relegada a um intervalo relativamente reduzido no terço, quarto ou quinto final. Além da extensão, a ordem dos conteúdos também evidencia esta lógica: em geral, vêm primeiro as discussões teóricas, conceituais e metodológicas. Isto se dá por serem consideradas mais importantes do que os dados, mas acaba sinalizando o próprio modo de operar do pesquisador: frequentemente ele dedica a maior parte do tempo a leituras teóricas e, quando afinal parte para a observação dos dados, realiza-a já armado e propenso a buscar, neles, aquilo que a bibliografia lhe informou – mesmo quando a obra é um ensaio sobre sociedades europeias de 70, 100 ou 200 anos atrás.²⁴ Também é comum que a descrição e análise dos dados – quando existe – pouco ou nada se articule com a mixórdia teórico-conceitual que a precede.

A importância excessiva dada ao ensaio como formato se soma a tal estado de coisas. As restrições de número total de caracteres impostas pela maioria dos periódicos científicos, por exemplo, comprometem (ou, no mínimo, atrapalham severamente) a escrita de artigos que contenham descrição e análise de dados e lancem mão de bibliografia temática fruto de levantamento e leitura sistematizados (em geral bem mais extensa do que as bibliografias mobilizadas em ensaios).²⁵ Isso desestimula a produção, aceite e publicação de trabalhos neste formato e, por outro lado, estimula a escrita de ensaios, além de colocá-los como modelo e parâmetro de produção na área.

O excesso de preocupação com formalismos relativos à metodologia caminha na

²³ O assunto foi até tema do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, organizado pela Intercom, em 2011, com a sugestiva indagação: “Quem tem medo da Pesquisa Empírica?”. Disponível em: <http://intercom.org.br/livroprograma2011.pdf>.

²⁴ Para uma discussão instrutiva e demolidora sobre esta forma de operar e os problemas dela decorrentes, ver a introdução de Melo e Peres (2014). Os autores criticam trabalhos anteriores sobre a ginástica no Brasil no século XIX (FORTES, 2016).

²⁵ Também a citação correta das referências completas e/da fonte dos dados pode ser um complicador, quando estas ocupam muitas linhas, como no caso de textos de periódicos impressos ou de quaisquer materiais disponíveis na *world wide web* (as numerosas exigências existentes nas normas da ABNT, várias delas incompreensíveis e/ou injustificáveis, só pioram as coisas). O próprio padrão de elaboração de referências de algumas revistas complica bastante a tarefa, obrigando os autores a colocar misturadas, nas referências bibliográficas, tanto a bibliografia científica quanto as publicações que são fontes (no sentido da História) – quando faria muito mais sentido referenciá-las em separado: fontes no rodapé e bibliografia acadêmica ao final do texto (ou deixar o autor escolher entre os padrões disponíveis, desde que mantenha a consistência e coerência ao longo de todo o trabalho). De diferentes formas, todas estas situações facilitam a vida de quem escreve ensaios fundados em outros ensaios e dificultam a de quem faz descrição pesada de dados.

mesma direção. Em minha experiência de quase vinte anos submetendo projetos de pesquisa e artigos para avaliação na Comunicação, é muito comum a crítica (ou mesmo reprovação) alegando “falta”, “falta de clareza” ou “inconsistência” na metodologia. No caso da avaliação de artigos, quase nunca houve, por parte de quem fez tal avaliação negativa, uma análise da execução propriamente dita da descrição e análise de dados. Ou seja, nenhuma palavra sobre se a observação dos dados parece ter sido feita de forma sistematizada e adequada, se há descrição suficiente e consistente dos dados; ou se as análises e conclusões são consequentes e estão embasadas naquilo que o trabalho apresentou e os dados permitem afirmar. Em suma, importam a promessa de adoção de um método específico e a citação de autores conhecidos que o prescrevam, sem que haja uma avaliação de como o autor, opera, na prática, os métodos/metodologias. Aqui, tal qual noutras situações, vale o formalismo, o ato de *anunciar* algo, ao passo que aquilo que se *faz* é ignorado na avaliação por pares.²⁶

Boa parte da produção dos EEC acompanha tais tendências hegemônicas na área. Travar conhecimento da historiografia do esporte poderia servir também para evidenciar aos pesquisadores dos EEC que há outros parâmetros para escrita científica dentro das CHSSA – e que isto de forma alguma representa menor qualidade ou a constituição de uma área acadêmica pouco séria (muito pelo contrário, aliás). Pesquisa é, antes de tudo, descrição e análise de dados. Produzir, ler e valorizar trabalhos com essa característica são atitudes necessárias e urgentes para a consolidação dos estudos do esporte na Comunicação.

Há uma última forma pela qual os estudos históricos do esporte podem ser úteis para quem produz EEC: a reflexão sobre o uso recorrente de determinados autores clássicos das CHSSA, que parece ter sido uma tática dos pesquisadores para buscar conferir legitimidade a suas investigações sobre o tema na História. De acordo com Fortes e Melo (no prelo), “no princípio, os pesquisadores [brasileiros de história do esporte] buscaram um diálogo mais intenso com cientistas sociais de renome internacional como Pierre Bourdieu, Norbert Elias e Michel Foucault, e com os que tinham reputação nacional, como o antropólogo Roberto DaMatta”. Num segundo momento, o uso de tais autores passou a ser problematizado e novos horizontes de diálogo teórico e bibliográfico foram sendo incorporados. Conhecer este cenário me parece útil para a reflexão sobre os

²⁶ Falo isto desde o lugar de quem tem formação nas duas áreas e está habituado a submeter manuscritos a periódicos científicos de ambas. A diferença nos parâmetros de avaliação e na qualidade dos pareceres é brutal.

usos da bibliografia nos EEC, que tendem a ser realizados de forma pouco crítica, com mera reprodução dos conceitos e como se eles se *encaixassem* perfeitamente nos temas e pesquisas de cada um.

Bibliografia

BOOTH, Douglas. (Re)reading *The Surfers' Bible: The affects of Tracks*. **Continuum: Journal of Media & Cultural Studies**, vol. 22, n. 1, p. 17-35, February 2008.

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, Renato (org.). **Pierre Bourdieu – Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. p. 122-155.

FIGOLS, Victor de Leonardo. O lugar do futebol nos simpósios da Associação Nacional de História (Anpuh). **Hydra: Revista Discente de História da UNIFESP**, v. 3, n. 5, p. 9-73, 2019.

FORTES, Rafael. A gymnastica no tempo do Império [resenha]. **Diálogos**, v. 20, n. 1, p. 170-174, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4025.dialogos.v20n1.32284>. Acesso em 29 jun. 2021.

FORTES, Rafael. Estudos de esporte na área de comunicação: um panorama e algumas propostas. **Revista FAMECOS**, v. 18, n. 2, p. 598-614, mai-ago 2011.

FORTES, Rafael. Por um salto de qualidade nas pesquisas do esporte no campo da Comunicação e do Jornalismo. **Âncora**, João Pessoa, v. 4, n. 1, p. 13-27, jan.-jun. 2017.

FORTES, Rafael. **O surfe nas ondas da mídia**: um estudo de Fluir nos anos 1980. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

FORTES, Rafael. Os estudos históricos do esporte no Brasil: avanços, limites, desafios. In: MELO, Victor et alli (org.). **História do esporte**: diálogos disciplinares. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2020. p. 25-36.

FORTES, Rafael. Um balanço dos estudos de esporte no Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação de 2012. **Contracampo**, Niterói, vol. 30, n. 2, p. 83-100, ago.-nov. 2014.

FORTES, Rafael; MELO, Victor Andrade de. Recorde – Revista de História do Esporte – A Brazilian, Latin-American, Ibero-American journal. In: Phillips, Murray G.; BOOTH, Douglas; ADAMS, Carly (eds.). **Routledge Handbook of Sport History**. London: Routledge. (no prelo)

HENDERSON, Margaret. A Shifting Line Up: men, women, and *Tracks* surfing magazine. **Continuum: Journal of Media & Cultural Studies**, v. 15, n. 3, p. 319-332, 2001.

MELO, Victor Andrade de. O trato do esporte nos simpósios da Associação Nacional de

História (ANPUH). **Record**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 1-17, jan.-jun. 2016. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/Record/article/view/3288/2558>>. Acesso em 7 dez. 2019.

MELO, Victor Andrade de *et al.* **Pesquisa histórica e história do esporte**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

MELO, Victor Andrade de; PERES, Fabio de Faria. **A gymnastica no tempo do Império**. Rio de Janeiro: 7Letras/Faperj, 2014.

MELO, Victor Andrade de *et al.* (org.). **História do esporte: diálogos disciplinares**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2020.

MORAES, Letícia C.L.; GOMES, Leonardo C.; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. **Record**: Revista de História do Esporte – An Overview of Its Publications (2008-2020). **The International Journal of the History of Sport**, p. 1-16, 17 May 2021.

PHILLIPS, Murray. Sizing up Sport History Journals: Metrics, Sport Humanities, and History. **The International Journal of the History of Sport**, p. 1-13, 10 Aug. 2020.

PRIORE, Mary Del; MELO, Victor Andrade de (org.). **História do Esporte no Brasil**. São Paulo: Ed. Unesp, 2009.

STEDMAN, Leanne. From Gidget to Gonad Man: surfers, feminists, and postmodernisation. **ANZ Journal of Sociology**, v. 33, n. 1, p. 75-90, 1997.

VIMIEIRO, Ana Carolina. A produtividade digital dos torcedores de futebol brasileiros: formatos, motivações e abordagens. In: FORTES, Rafael; VIANA, Juliana de Alencar (Org.). **Repensando o lazer a partir da cultura digital**. Rio de Janeiro: E-papers, 2019. p. 213-248.

VIMIEIRO, Ana Carolina. Sports Journalism, Supporters and new Technologies. **Digital Journalism**, v. 5, p. 1-20, 2017.